

# Consideração Positiva Incondicional no sistema teórico de Carl Rogers

Laurinda Ramalho de Almeida

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Brasil*

## Resumo

Este artigo analisa o constructo Consideração Positiva Incondicional proposto por Carl Rogers como uma das três condições necessárias e suficientes para uma mudança construtiva na pessoa, como resultado de trocas interpessoais. Para se compreender a evolução histórica do mesmo, tomou-se como ponto de referência o artigo “The necessary sufficient conditions of therapeutic personality change”, publicado em 1957. A análise empreendida mostra que Rogers, desde 1940, apresenta as ideias básicas do constructo, embora não utilizando o termo Consideração Positiva Incondicional; é a preocupação em testar suas hipóteses que leva o autor a defini-lo, com precisão, no artigo de 1957. No período posterior a essa data, o constructo é empregado com enunciados diferentes, em vários contextos, e apresentado também como aceitação, estima e apreço. A pesquisa bibliográfica empreendida permitiu estabelecer não só a evolução histórica do constructo, como também uma configuração geral do mesmo.

**Palavras-chave:** Consideração Positiva Incondicional, Abordagem Centrada na Pessoa, Pesquisa documental, Pesquisa Histórica.

## Unconditional Positive Regard in the theoretical system of Carl Rogers

### Abstract

This article analyzes the construct “Positive Unconditional Regard” proposed by Rogers, one of the three necessary and sufficient conditions for a constructive change a person undergoes as a result of interpersonal exchanges. - *The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change* (Rogers, 1957) was taken as a main reference in the task of understanding the historical evolution of the construct. As result, it was possible to demonstrate that since 1940 the basic ideas of such concept were present in Rogers’ writings, even though he had never employed the expression *Positive Unconditional Regard*. In fact, it can be shown that his attempts in testing his hypothesis led to the precisely formulation of the construct in the 1957 article. After that period, the construct is employed under different formulations, in different contexts. It will be found as acceptance, esteem and prizing. The applied bibliographical undertake has permitted to draw the historical evolution of the construct, as well as its general configuration.

**Keywords:** Positive Unconditional Regard, Person centered approach, Bibliographical research, Historical research.

Carl Ranson Rogers (1902-1987), norte-americano, desenvolveu uma teoria de terapia que surgiu como a terceira via (terceira força) entre os campos predominantes na Psicologia na metade do século 20: a Psicanálise e o Behaviorismo. Revolucionário em sua posição antiautoritária e anticonvencional na atuação

em terapia, propôs como condições necessárias e suficientes para que uma mudança construtiva de personalidade ocorra: autenticidade ou congruência, compreensão empática e Consideração Positiva Incondicional. De sua teoria da terapia derivam propostas para outros campos.

Para Rogers, quer estejamos falando da relação entre terapeuta e paciente, professor e aluno, pais e filhos, líder e grupo, ou de qualquer outra situação na qual se proponha como objetivo o desenvolvimento da pessoa, são essas as três condições que constituem o clima que facilita o desenvolvimento.

Nos anos de 1960 e 1970, Rogers teve influência, no Brasil, nos campos da Psicologia e da Educação, tanto nos meios acadêmicos como na prática psicológica e educacional. A riqueza de sua abordagem, aliada à preocupação em aprimorar o processo ensino-aprendizagem, levou um grupo de educadores da PUC-SP, na década de 1970, a estudar um programa de aperfeiçoamento para professores e especialistas de educação, com base nas proposições rogerianas. Essa escolha tinha como pressuposto um compromisso com a educação humanista, fundamentada numa visão de aluno como “um ser humano (mais do que simplesmente um organismo), e como uma pessoa, em sua totalidade, mais do que simplesmente um intelecto incorpóreo ou um depósito de processos cognitivos” (Patterson, 1977, p. 146)

Depois de discutir as várias implicações dessa empreitada, o grupo decidiu partir de uma análise teórica dos constructos rogerianos de Congruência, Compreensão Empática e Consideração Positiva Incondicional, núcleo do programa. Notou-se que, embora as três atitudes se interpenstrassem e se completassem, sua complexidade permitiria que fossem consideradas *de per se*, o que levaria a três diferentes estudos. A pesquisa que se apresenta neste artigo refere-se ao constructo Consideração Positiva Incondicional.

Cumprir observar que, antes de iniciar a pesquisa que segue, foram consultados intérpretes do pensamento rogeriano, entre os quais Miguel De La Puente (1970, 1978), Max Pagès (1976) e André de Peretti (1974), bem como Eugene Gendlin (1962).

Gendlin (1962) deu importante contribuição ao sistema teórico de Rogers, propondo uma reformulação em relação à teoria de mudança na personalidade, ao elaborar o construto de experientiação (*experiencing*), aceito e assimilado por Rogers. Segundo Gomes (1986), foi através de Gendlin que Rogers conheceu as filosofias de Husserl, Sartre e Merleau-Ponty, e desejou redimensionar suas formulações, principalmente a referente à congruência do *self*

e do organismo, ou seja, a impossibilidade de uma congruência entre o que era consciente (*self*) e o que era não consciente (organismo). O construto *experiencing* vem resolver o problema, bem explicitado por Gomes, em conferência proferida no Simpósio “Vivência Acadêmica”, realizado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em julho de 1986 (Gomes, 1986).

O problema é resolvido com a teoria do *experiencing*, de Gendlin (1962), onde o dualismo entre conteúdo-da-consciência (conceitualização) e o conteúdo-do-organismo (sinestesia) é resolvido através de um intervir direto no processo da informação sinestésica. Os efeitos desta formulação se fazem notar, por exemplo, na definição de sentimento. Sentimento é então redefinido como uma condição situada, e como possibilidade de ação no mundo. Assim, sentimento (na concepção gendliana de *felt sense*) explica pensamentos, valida observações, dirige ações, intenciona as palavras no discurso, e traz o sentido das cores, formas, sons, volumes e movimentos, enquanto linguagem das artes. É, portanto, o significado experienciado de estar no mundo.

É baseado nesta reformulação de conceito de sentimento que Gendlin modifica a teoria de Rogers sobre congruência e ajustamento ótimo. Em termos rogerianos, vale dizer, ajustamento ótimo é uma abertura para experiência, ou seja, “o indivíduo ajustado segue os seus sentimentos”. Para Gendlin, esta posição precisa ser clarificada. É impossível, para um indivíduo, equilibrar cada aspecto da experiência para responder congruentemente o fluxo de sentimentos. Esta concepção, além de simplista, carrega implicações antissociais e anti-intelectuais. Ele confunde caprichos com sentimentos. Gendlin, então, altera a noção rogeriana dizendo que o sentimento que alguém segue otimamente está em consciência e contém implicitamente significado social, moral e intelectual (p. 71-72).

Miguel De La Puente, nos anos de 1970, foi importante divulgador da teoria rogeriana no Brasil, não só apresentado a proposta

teórica, como tratando da mudança de ênfase das técnicas não diretivas para as experiências. Seu *Ensino centrado no estudante* (De La Puente, 1978) foi leitura obrigatória para os educadores brasileiros que tinham a convicção de que o afetivo deveria ser trazido para a sala de aula, a serviço do conhecimento. Em que pese sua contribuição à aplicação das condições facilitadoras, no contexto da aprendizagem, não oferece elementos novos para esclarecer Consideração Positiva Incondicional.

Max Pàges (1976) enfatiza a importância da Consideração Positiva Incondicional, na teoria da personalidade, colocando-a como indispensável no processo de restauração de desajustamentos; dá sua interpretação do construto, mas não o esclarece de maneira acessível. Para Pagès (1976):

A consideração positiva incondicional de Rogers é, digamos, um amor, mas um amor não ambivalente, diferente de todas as formas de amor-fuga, que o termo habitualmente adquire. É uma espécie de afeição desesperada e lúcida, que liga dois seres separados, unidos somente por sua condição comum de serem separados. (p.99)

André de Peretti (1974) é quem oferece maior contribuição à compreensão de Consideração Positiva Incondicional, ao descrever as três condições facilitadoras, em termos de um desenvolvimento dinâmico, de uma dialética. Enquanto a congruência é o retorno para si, a concentração em si, a Consideração Positiva Incondicional implica em distanciamento de si, em concentração no cliente. Então, a atenção que se dá a si mesmo é contrariada, negada dinamicamente pela atenção que se dá ao outro. É preciso que se distancie suficientemente de si mesmo, para que se tenha cuidado com o outro. Enquanto na congruência trata-se de verificar se se é verdadeiro, real, na Consideração Positiva Incondicional, trata-se de acolher o outro, a congruência é a aceitação de si; a Consideração Positiva Incondicional é a aceitação do outro.

Para Peretti (1974), o termo “incondicional” não conota indiferença, no sentido afetivo, antes significa ser “totalmente sensível”, na escuta de todos os possíveis:

A personalidade do cliente, de fato e de direito, é respeitada: ele é confirmado como outro, diferente do terapeuta, numa

procura progressiva de relação EU-TU, descrita por Martin Buber. A tomada de consideração é simultaneamente (ou dialeticamente) incondicional e positiva: sua positividade se mede, na interação, pelo calor do acolhimento. (p. 191)

Após a consulta aos intérpretes de Rogers, a qual evidenciou a complexidade do construto Consideração Positiva Incondicional, tomou-se a decisão de analisá-lo a partir das obras do próprio autor.

## A pesquisa

Considerando-se que a presente pesquisa envolveu análise de um constructo, dentro de um sistema teórico, pensou-se, inicialmente, em proceder-se uma revisão das obras (livros, artigos, conferências) do autor, para localizar os diferentes contextos de teoria, nos quais o mesmo está inserido. No transcorrer do trabalho, entretanto, optou-se pela localização e estudo do constructo em função apenas de sua cronologia.

Tal tratamento trouxe algumas dificuldades, visto que os artigos foram publicados diversas vezes, em diferentes revistas, em diferentes datas. Ademais, muitos deles vieram a tornar-se capítulos de livros. Por outro lado, um mesmo artigo, escrito antes que outro, veio a ser publicado em data posterior. Por exemplo, o trabalho de Rogers (1959), resultado de uma solicitação da American Psychological Association para que preparasse uma sistematização da teoria da terapia centrada no cliente e no qual aparece o constructo Consideração Positiva Incondicional, embora publicado em 1959, foi elaborado por volta de 1953 (Frick, 1975). Portanto, é anterior ao artigo “The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change”, escrito em 1956 e publicado em 1957 e no qual também aparece Consideração Positiva Incondicional. Nesta pesquisa, registra-se o aparecimento do constructo Consideração Positiva Incondicional no artigo publicado em 1957, porque tomou por base apenas a data da publicação.

Apesar da dificuldade em se precisarem, com rigor, as datas de elaboração e publicação dos trabalhos escritos de Rogers, a opção pela estrutura do texto em função da ordem cronológica foi mantida, por ser um índice de relevância do constructo em estudo o fato de o

autor tê-lo apresentado ou não, em todo o transcorrer de sua obra.

A outra forma de abordar o problema seria estudar o constructo em cada um dos contextos de teoria (terapia e mudança de personalidade; personalidade; funcionamento pleno; relações interpessoais e teorias de aplicação), conforme os itens referidos por Rogers, na sistematização feita em Kock (1959), o que não foi feito, por se acreditar que não existe uma proposta diferente para cada um desses contextos, mas, sim, uma abordagem comum a todos eles.

Tal abordagem é denominada por Rogers, em seus últimos escritos, como “abordagem centrada na pessoa” (1977), porque tal expressão é a que melhor descreve sua própria atuação em substituição a outras denominações anteriores: aconselhamento não diretivo, terapia centrada no cliente, ensino centrado no aluno, liderança centrada no grupo. E a hipótese central, em todos esses domínios, é que o indivíduo tem, dentro de si, vastos recursos para a autocompreensão, para alterar seu autoconceito, sua atitude e seu comportamento, e que tais recursos podem ser liberados quando se conta com determinado clima psicológico. Daí poderem-se transpor as descobertas do campo da terapia (campo no qual Rogers tem maior número de pesquisas e escritos) para outros campos e considerar-se prescindível um estudo do constructo em cada um dos diferentes contextos.

Há três condições que constituem esse clima promotor de crescimento, quer estejamos falando de relações entre terapeuta e cliente, pais e filhos, líder e grupo, professor e aluno, ou administrador e “staff”. As condições se aplicam, de fato, em qualquer situação, na qual o desenvolvimento da pessoa é o objetivo. (Rogers, 1977, p. 9)

Para se compreender a evolução histórica do constructo Consideração Positiva Incondicional, optou-se por dividir este texto em três partes:

I – estudo das obras anteriores a 1957, cobrindo o período de 1940 a 1957, pois, antes de 1940, não há nenhum trabalho escrito relevante para a análise que se pretende.

II – estudo do artigo publicado em 1957, quando Rogers divulga, pela primeira vez, o termo Consideração Positiva Incondicional (Rogers, 1957).

III – estudo das obras posteriores a 1957, cobrindo o período daquela data até o último trabalho publicado e ao qual se teve acesso (Rogers, 1978).

Em relação a cada obra consultada, apresentam-se comentários que acrescentam algo de novo para a elucidação do constructo. Dispensam-se apenas os comentários repetitivos.

## I – Período anterior a 1957

A busca da origem do constructo Consideração Positiva Incondicional, na obra de Rogers, revela que, embora o autor tivesse começado a praticar terapia desde 1927, e publicado artigos desde 1930, só a partir de 1940 deixa configurar uma nova linha de pensamento. Rogers (1959) afirma:

Comecei a sentir que a minha ação, no campo clínico, era talvez mais do que um novo caminho que eu havia descoberto. O artigo apresentado por mim, em 1940, (mais tarde, o capítulo II, de *Counseling and Psychotherapy*) foi a primeira tentativa consciente de desenvolver uma linha de pensamento relativamente nova. (p. 187)

A experiência terapêutica é apresentada como uma experiência de crescimento, ou seja, esse tipo novo de terapia não é uma preparação para a mudança, mas é a própria mudança. O aspecto mais importante dessa mudança é a compreensão e a aceitação de si, pelo cliente, decorrentes de o terapeuta ter aceitado e reconhecido plenamente os sentimentos expressos por ele. Daí, a compreensão com as atitudes ou qualidades do terapeuta. Essas qualidades, neste primeiro período de produção, são apresentadas de forma difusa ou globalizante.

Em 1940, o autor já revela preocupação em estabelecer certas condições básicas para que uma terapia se torne efetiva (Rogers, 1940). Garantidas tais condições – que o cliente (adulto ou criança) sinta alguma insatisfação com o seu ajustamento, que sinta alguma necessidade de ajuda, que tenha nível de inteligência acima do nível limite e que haja um terapeuta habilidoso, cujo objetivo é liberar e fortificar o indivíduo, antes que interferir em sua vida, certo processo passa a ocorrer. Ao descrever esse processo, já apresenta as ideias básicas para a proposição do que chamaria,

mais tarde, condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica de personalidade, embora haja de sua parte uma preocupação maior em esclarecer as consequências destas condições do que as próprias, isto é, está ele mais preocupado com os resultados do processo do que com o próprio processo. Embora não dê nome às condições, elas estão evidentes, no desenvolver do trabalho. Por exemplo, quando discorre sobre o estabelecimento do contacto, descreve-o em termos de calor entre terapeuta e cliente; interesse genuíno do terapeuta pelo cliente; ausência de ameaças, elementos esses que abordará, depois, no contexto da Consideração Positiva Incondicional. Ao descrever a aceitação pelo cliente do seu eu, Rogers assinala que a pessoa, ao ser aceita, ao invés de criticada, fica livre para ser ela mesma, sem defesas e, gradualmente, admite seu eu real, com padrões infantis, sentimentos agressivos, ambivalências e também impulsos maduros. Esta afirmação revela a preocupação com o que convencionou chamar, posteriormente, de Consideração Positiva Incondicional, embora não apresente ainda a forma elaborada dos trabalhos subsequentes.

Em 1942, ao analisar as características do processo terapêutico, apenas desdobra em número maior de itens o processo descrito em 1940. Nesse desdobramento, deixa transparecer a importância que dá a uma atitude amigável, interessada e receptiva da parte do terapeuta. Essa atitude permite ao cliente expressar livremente seus sentimentos (Rogers, 1942). Ao referir-se às qualidades do terapeuta, Rogers (1942) afirma que talvez a primeira qualidade de um terapeuta seja tratar-se de uma pessoa sensível às relações humanas. Reitera ainda que esta sensibilidade social é uma qualidade fundamental, embora haja outras também essenciais: objetividade, respeito pelo indivíduo, compreensão de si mesmo e conhecimentos de psicologia. O respeito pelo indivíduo é colocado no sentido de aceitar o outro como ele é, que será, mais tarde, apresentado como um dos componentes de Consideração Positiva Incondicional.

Em 1945, Rogers nota que “sem a aceitação compreensiva do conselheiro, a terapia não tem lugar” (Rogers, 1945, p. 279), enfatizando que o aconselhamento repousa sobre as atitudes de aceitação e permissividade, no sentido de ausência de avaliação, o que leva o cliente a colocar o problema em profundidade.

Em 1951, ao abordar o problema das atitudes que parecem facilitar a terapia centrada no cliente, Rogers adverte que sua experiência, no treinamento de terapeutas, indica que a filosofia operacional básica do indivíduo (que pode ou não se parecer com sua filosofia verbalizada) determina, numa extensão considerável, o tempo que ele levará para tornar-se um terapeuta habilidoso. E o primeiro ponto a ser considerado, nessa filosofia operacional, é a atitude assumida pelo terapeuta, em relação ao valor e à importância da pessoa.

Rogers (1951) interroga:

Como vemos os outros? Vemos cada pessoa, como tendo dignidade e valor inerentes a ela própria? Se apresentamos este ponto de vista ao nível verbal, em que extensão isto é operacionalmente evidente, ao nível de conduta? Temos a tendência para tratar os indivíduos como pessoas de valor ou sutilmente os desvalorizamos, através de nossas atitudes e comportamentos? (p. 20)

A análise dessas indagações revela que, embora sem utilizar a expressão apreço (que vai aparecer em 1957, como um dos componentes de Consideração Positiva Incondicional), Rogers já se preocupa com esse elemento. Revela ainda que expressar esse sentimento de apreço ou valor é algo decorrente de uma posição filosófica, tendo como pressuposto o indivíduo como um valor em si mesmo. Acrescenta ainda que sua experiência lhe tem revelado que tal filosofia é mais provavelmente assumida pela pessoa que tem um respeito básico pelo valor e pelo significado de si mesmo, pois alguém não pode, com toda probabilidade, aceitar outros, a menos que primeiro aceite a si mesmo.

Embora sem utilizar o termo Consideração Positiva Incondicional, a leitura atenta da sua produção, nesse primeiro período, revela que as ideias básicas do constructo estão presentes no que chama aceitação, cuja importância fica sempre evidente, como ingrediente indispensável, na relação terapêutica, para que esta atinja resultados ótimos.

A própria definição dada por ele (1942) da relação de consulta psicológica evidencia a importância que dá à aceitação:

A relação de consulta psicológica é uma relação, na qual o calor da aceitação e a

ausência de qualquer coerção ou pressão pessoal, por parte do terapeuta, permite a expressão máxima de sentimentos, atitudes e problemas, por parte do cliente (p. 108).

Nos anos 1950, tanto quanto nos 1940, fica evidente que a nova abordagem do processo terapêutico traz outra novidade: a terapia pode ser vantajosamente investigada por meios científicos, e esta investigação pode enriquecer a própria psicologia (Rogers, 1948, 1951). E mais: as descobertas feitas por Rogers, no campo da terapia, podem ser aplicadas em outras áreas, dado que a sua proposição, na verdade, não é “de um novo método, mas de uma filosofia de vida e de relacionamento completamente diferente” (Rogers & Rosenberg, 1977, p. 202).

É a preocupação em testar hipóteses relativas à terapia centrada no cliente que leva o autor a burilar os conceitos e a procurar definir, com precisão, as condições consideradas necessárias e suficientes para a mudança de personalidade, em psicoterapia.

## II – The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change

A escolha do artigo de 1957 como ponto de referência para a divisão dos períodos cronológicos deve-se não só ao fato de ter aparecido nele, pela primeira vez, o constructo Consideração Positiva Incondicional, mas também por ter sido por volta desta data que Rogers desenvolve sua teoria da terapia e da relação terapêutica, divulgando as condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica.

Esse artigo registra a palestra proferida, em 1956, na Universidade de Michigan. Segundo o próprio Rogers, “esta foi uma das palestras mais rigorosamente pensadas, mais cuidadosamente formuladas” (Rogers & Rosenberg, 1977, p. 148) dentre as que pronunciou. Mais tarde, ao falar sobre sua filosofia das relações interpessoais, Rogers refere-se ao artigo, afirmando: “Por volta de 1957, desenvolvi uma rigorosa teoria de terapia e da relação terapêutica. Além disso, divulguei as condições necessárias e suficientes para a modificação terapêutica da personalidade, todas ao nível das atitudes pessoais e não de treinamento profissional. Foi um artigo bastante

presunçoso, mas que formulou hipóteses a serem testadas e deu margem a muitas pesquisas, nos quinze anos seguintes, que, em geral, as confirmaram” (Rogers e Rosenberg, 1977, p. 203). O trabalho revela sua preocupação em estabelecer, com objetividade, as condições necessárias e suficientes para iniciar o processo da mudança construtiva de personalidade. Desde que estas condições existam e continuem por um período de tempo, isto é suficiente para que o processo de mudança construtiva de personalidade ocorra. Em síntese, elas estabelecem que:

1º – a mudança de personalidade não ocorre senão através de um relacionamento interpessoal.

2º – algumas características são necessárias em cada um dos participantes desse relacionamento.

3º – é necessário que, de alguma forma, cada um deles perceba o campo experiencial do outro.

Interessa-nos, no presente estudo, a característica Consideração Positiva Incondicional, enquanto vivenciada pelo facilitador, que pode ser o terapeuta, o professor, o pai, o líder de um grupo, cada um dentro da especificidade do seu papel.

No artigo referido (Rogers, 1957), são mencionados dois autores que contribuíram para a formulação de Consideração Positiva Incondicional. O primeiro é Standal (1954), que criou o constructo. O segundo é Dewey (1960), referido por esclarecer apreço, um dos elementos que compõem Consideração Positiva Incondicional. Julgamos, pois, oportuna a apresentação das ideias principais contidas nos trabalhos desses autores, no que se refere à Consideração Positiva Incondicional, não apenas porque são mencionadas por Rogers, como também porque não se pode entender bem o constructo sem conhecê-las.

Stanley Standal foi aluno de Rogers, na década de 1950. Em 1954, apresenta, como tese de doutoramento, na Universidade de Chicago, o trabalho *The need for positive regard*, no qual formula e desenvolve vários constructos, a um dos quais atribui o termo Consideração Positiva Incondicional.

É interessante verificar que, em vários momentos de sua obra, Rogers esclarece que sempre procurou tirar da sua experiência, principalmente de terapeuta, os princípios gerais de sua teoria. E, no que se refere ao constructo Consideração Positiva

Incondicional, foi buscá-lo em alguém que o desenvolveu como pensamento teórico (Frick, 1975).

A tese de Standal, defendida em 1954, parte da constatação de que, nos doze anos de existência da terapia centrada no cliente, apesar da importância que se dá ao papel da aceitação, esta é suplantada por um processo terapêutico mais importante – a vivência, pelo cliente, do material previamente não aceito ou não acuradamente simbolizado. Constata Standal que essa simbolização é considerada como fator crucial no ajustamento psicológico, enquanto a aceitação do cliente pelo terapeuta é vista apenas como um catalisador, que torna possível a ocorrência do processo de simbolização. O que Standal propõe é uma mudança na ordem da importância desses dois elementos; argumenta que é mais importante para o cliente perceber a aceitação oferecida pelo terapeuta do que simbolizar acuradamente suas experiências. Portanto, a primeira tarefa do terapeuta deve ser comunicar a aceitação, antes que facilitar a simbolização acurada.

A tese central do trabalho desenvolvido por Standal pode ser assim colocada:

– a discriminação pelo indivíduo da falta de aceitação do outro é fator crucial na causa do desajustamento psicológico.

– a discriminação pelo indivíduo da aceitação do outro é fator crucial na eliminação do desajustamento psicológico.

Transparece também, no trabalho de Standal, a preocupação de se encontrar um elemento comum (ou elementos) entre as muitas e variadas formulações apresentadas para aceitação, nos trabalhos desenvolvidos pelos adeptos da terapia centrada no cliente, e com isto:

1) fornecer uma expressão teórica para uma “necessidade” central ou tendência motivacional, que parece ter estado implícita na abordagem centrada no cliente.

2) esclarecer o papel central da aceitação na psicoterapia centrada no cliente.

3) oferecer uma lógica teórica para o processo de psicoterapia.

Assim, o conceito de “aceitação mais tarde, será abandonado, em favor de outro constructo motivacional mais complexo, a necessidade de consideração positiva, e, derivado deste, a necessidade de consideração de si” (Standal, 1954). Ou seja, no transcórrer de seu trabalho, Standal propõe a substituição

por consideração positiva e demonstra como ela é uma necessidade.

Standal analisa essa necessidade, no cliente. Embora a preocupação, neste texto, seja a de configurar a consideração positiva como atitude do facilitador, julgou-se importante caracterizar a consideração positiva como necessidade, porque, sem isto, não se têm a compreensão do trabalho desenvolvido por Standal e nem o real sentido de Consideração Positiva Incondicional.

Standal postula duas necessidades: – a necessidade de consideração positiva, e derivada desta, a necessidade de consideração de si. Ao postular a necessidade de consideração positiva, ele estabelece sua gênese da seguinte forma: com a emergência da consciência do eu, desenvolve-se, no indivíduo, uma necessidade de perceber suas experiências, fazendo uma diferença positiva, no campo experiencial de outros. Essa é a necessidade de consideração positiva. Para alguns autores, esta necessidade poderia ser vista como uma extensão direta ou uma equivalente madura da necessidade básica de afeição. Standal prefere vê-la como uma necessidade aprendida ou secundária. Essa necessidade de consideração positiva, embora aprendida, segundo Standal, tem uma natureza peculiar, o que lhe garante o caráter de universalidade e de persistência, como nas necessidades primárias: universalidade, dada a condição universal do estágio de dependência dos primeiros anos de vida da criança; e persistência, dado que, mesmo quando o indivíduo não é mais dependente de outros, a necessidade de consideração positiva continua operativa.

A necessidade de consideração positiva, secundária ou aprendida, porém, universal e persistente, possui outras características:

1ª – A satisfação ou frustração da necessidade de consideração positiva depende somente da inferência sobre o campo experiencial de outro, ou seja, é como o indivíduo se percebe considerado ou não que importa. Este fato leva a um alto grau de ambiguidade das condições que satisfazem ou frustram a necessidade de consideração positiva.

2ª – Qualquer ou todas as experiências da pessoa podem tornar-se diretamente relacionadas com a satisfação da necessidade de consideração positiva.

3ª – A necessidade de consideração positiva tem uma característica de

reciprocidade, ou seja, quando um indivíduo discrimina a si mesmo, satisfazendo a necessidade de consideração positiva de outro, ele necessariamente vivencia a satisfação de sua própria necessidade de consideração positiva.

Ao postular a necessidade de consideração positiva de si, Standal (1954) afirma:

As satisfações ou frustrações, associadas a qualquer experiência ou grupo de experiências da pessoa, podem ser vivenciadas, independentemente das transações de consideração positiva com outros. Consideração positiva, vivenciada dessa maneira, será chamada consideração de si. (p. 58)

Ou seja, quando uma experiência da pessoa é repetidamente associada com a satisfação da necessidade de consideração positiva, os estímulos que causam aquela experiência começam a tomar características tais que o indivíduo passa a vivenciar algo semelhante à consideração positiva, quando aquela experiência ocorre; inversamente, quando uma experiência repetidamente leva à retirada da consideração positiva, os estímulos que estão associados àquela experiência tomarão um caráter punitivo; quando tal experiência ocorre, o indivíduo vivencia algo similar à perda da consideração positiva. O indivíduo passa, então, a vivenciar algo semelhante à satisfação ou frustração da consideração positiva em relação a si mesmo, em conjunção com inúmeras experiências, apesar de não ocorrerem transações reais com pessoas significativas.

A necessidade de consideração de si não toma o lugar da consideração positiva do outro. Todavia, torna-se operacionalmente mais potente, à medida que o indivíduo cresce. O adulto psicologicamente maduro nunca experimentará perda de consideração de si, embora possa, muitas vezes, vivenciar a não satisfação ou retirada da consideração positiva de outros.

Standal argumenta que, assumindo-se a existência da necessidade de consideração positiva e da necessidade de consideração de si, são preenchidas lacunas na terapia centrada no cliente e podem ser resolvidas as questões relacionadas com as mudanças nos estados de ajustamento psicológico, ou seja:

1º – um indivíduo introjeta valores de outros e, conseqüentemente, precisa evitar

experiências inconsistentes com esses valores, de maneira a evitar a frustração da necessidade de consideração de si (isto é, ele se torna desajustado).

2º – ele elimina certos valores introjetados, quando, através do relacionamento com outras pessoas, aprende que não tem necessidade de conservar tais valores para vivenciar um nível considerável de satisfação da necessidade de consideração de si (isto é, ele se torna reajustado).

3º – ele não mais introjetará valores, nem negará ou distorcerá experiências, desde que se torna impossível frustrar a necessidade de consideração de si (isto é, ele se torna psicologicamente maduro).

Em síntese, a discussão de Standal é no sentido de obter respostas para três questões sobre mudanças no ajustamento psicológico:

1º – Como o indivíduo se torna desajustado?

2º – Como se torna reajustado?

3º – Como se conserva ajustado, isto é, como preveni-lo contra a ocorrência de novo desajustamento?

A primeira lacuna que Standal vê na teoria de Rogers refere-se à primeira introjeção de valores. Para Rogers, a primeira introjeção pode ser explicada pelo princípio da consistência da estrutura do eu ou, mais especificamente, pela necessidade de manter o conceito do eu como digno de amor. Standal questiona essa explicação, afirmando que:

– algum outro princípio que não o de manter a consistência da estrutura do eu é necessário para explicar a primeira introjeção.

– o conceito do eu como digno de amor não pode emergir se aceitamos a avaliação orgânica como um modo de responder do recém-nascido ao seu campo experiencial. Outros princípios, necessidades ou tendências são necessários para explicar a seletividade do organismo, ao negar ou distorcer experiências. A criança procura manter o conceito do eu como digno de amor, negando algumas experiências inconsistentes com esse conceito, não para garantir a consistência da estrutura do eu, como propõe Rogers, mas para satisfazer a necessidade de consideração positiva.

A segunda lacuna refere-se ao problema da ameaça e da defesa. Segundo a teoria rogeriana, experiências inconsistentes com a estrutura do eu fazem surgir um estado de ameaça e levam a um comportamento defensivo; isto é, são retiradas do campo perceptual, ou são negadas,



ou são distorcidas. Sob certas condições, tais experiências podem ser acuradamente percebidas e simbolizadas e então integradas na estrutura do eu. Embora aceitação e compreensão sejam as condições que possibilitam simbolização correta de experiências ameaçadoras, segundo Standal isto não está claramente relacionado com a parte da teoria que diz que experiências de ameaças devem ser evitadas. Além disso, o desconforto, que usualmente acompanha a autoexploração, na terapia, parece indicar não ser a ausência de ameaça que permite ao indivíduo simbolizar experiências ordinariamente ameaçadoras. Ao contrário, o indivíduo simboliza tais experiências a despeito de sua natureza ameaçadora, ou seja, algo mais importante que a necessidade de defender-se contra a ameaça capacita a pessoa, em terapia, a simbolizar e examinar aspectos de sua personalidade, previamente negados. A ameaça não é vista como decorrente de uma experiência inconsistente com o eu, mas, sim, como ligada com a frustração antecipada da necessidade de consideração positiva.

A terceira lacuna refere-se à afirmação de que a maturidade psicológica é possível, desde que um determinado estágio de desenvolvimento seja atingido e a introjeção de valores não mais ocorra. O problema levantado por Standal diz respeito à proteção que o indivíduo, psicologicamente maduro, opõe contra tais introjeções. Se a avaliação organísmica é um fator crucial, então por que essa forma de avaliação falha em proteger a criança (que avalia suas experiências organísmicamente) contra a introjeção e prevenir o adulto reajustado (que restaura seu processo de avaliação organísmica) da introjeção de novos valores? Acredita Standal, e demonstrará isto em seu trabalho, que a negação e distorção de experiências podem ser explicadas sem se recorrer ao princípio de autoconsistência e que os mesmos princípios responsáveis pela negação e distorção, no indivíduo imaturo, o são, também, no indivíduo psicologicamente maduro. Assim, o que protege o indivíduo maduro contra introjeções é a garantia de um nível satisfatório da necessidade de consideração de si, independentemente de seus valores.

Somente quando Standal analisa o desenvolvimento da personalidade é que introduz o constructo Consideração Positiva Incondicional, bem como os de complexo de

consideração, consideração de si e condições de valor.

### Consideração Positiva Incondicional

O indivíduo psicologicamente ajustado não tem que buscar ou evitar certas experiências, que satisfazem ou frustram sua necessidade de consideração de si, porque ele não discrimina se estas experiências são mais dignas ou menos dignas de consideração de si do que outras possíveis experiências. E desde que a consideração de si está intimamente relacionada com a consideração positiva original de outros significativos, segue-se que o indivíduo psicologicamente ajustado deve ter recebido Consideração Positiva Incondicional para as experiências que englobam sua estrutura do eu.

A consideração positiva de um outro significativo pode ser chamada de incondicional toda vez que o indivíduo é incapaz de discriminar qualquer experiência sua como sendo mais digna ou menos digna de consideração positiva por parte daquela pessoa. Standal afirma que, embora seja fácil definir Consideração Positiva Incondicional, é difícil discriminar, no relacionamento, se a ocorrência da consideração positiva é condicional ou incondicional, mesmo em se tratando de uma observação científica, porque não há técnicas para determinar se qualquer ato específico representa uma experiência de Consideração Positiva Incondicional. É possível, no entanto, serem feitas inferências de consideração positiva, a partir da observação, desde que transações de consideração positiva são relativamente fáceis de identificar. Os pais dão ou retiram consideração positiva para qualquer comportamento da criança e as próprias palavras que empregam para transmitir consideração, frequentemente, definem a transação como condicional. Se, no entanto, entre um grande número de tais possíveis transações de consideração positiva, for impossível discernir qualquer critério norteando a manifestação da consideração positiva, então é possível que estejamos diante de Consideração Positiva Incondicional.

Standal chama a atenção para a importância da Consideração Positiva Incondicional no desenvolvimento da personalidade. Se a consideração de outros significativos é expressa incondicionalmente, durante os primeiros anos de vida, isto é, de tal

maneira que nenhuma experiência própria da criança é discriminada como mais digna ou menos digna de consideração positiva, então, a consideração de si dessa criança será, analogamente, incondicional. É esse tipo de Consideração Positiva Incondicional por si mesmo que distingue o indivíduo psicologicamente maduro. Portanto, aquele que recebeu Consideração Positiva Incondicional em sua infância tem uma estrutura de personalidade em que cada experiência de si é vista como digna de consideração positiva do outro e de consideração positiva de si. O indivíduo é, então, livre para elaborar muitas respostas diferentes que o conduzem a um estado ótimo de satisfação dessa necessidade.

Além de Standal, Rogers recorre a outro autor, John Dewey, para esclarecer o constructo Consideração Positiva Incondicional. Não só no artigo escrito em 1957, mas em vários momentos de sua obra, Rogers, quando se refere a apreço (*prizing*) – um dos termos apresentados para explicar o que entende por Consideração Positiva Incondicional, afirma que o faz no sentido atribuído ao termo por Dewey (1960).

John Dewey (1960), ao discutir o problema do julgamento moral e conhecimento, estabelece uma distinção entre avaliação como ato direto, emocional, prático e avaliação como julgamento. Afirma que a diferença óbvia entre as duas atitudes está em que a avaliação direta, no sentido de apreço, se acha absorvida no objeto, pessoa, ato, sem que se atente para suas relações com outras coisas, a sua posição e seus efeitos, enquanto a avaliação, no segundo sentido, é um medir de modo intelectual que estabelece relações entre causas e consequências, e pode alterar o apreço inicialmente sentido. Para esclarecer os conceitos enunciados, Dewey lembra o exemplo do amante que não vê a pessoa amada como os outros a veem, porque não estabelece relações entre ela e outras pessoas ou objetos; portanto, sem julgamento. Se o fizesse, poderia vir a modificar, radicalmente, a primitiva atitude de apreço.

Fica, pois, evidente que para Dewey uma atitude de apreço implica não fazer julgamento de valor, desde que não estabelece relações entre causas e consequências. É uma atitude que não atenta para a posição da pessoa ou objeto em pauta, em relação a outras pessoas e objetos, nem a seus efeitos, pois não advêm de reflexões. É uma atitude espontânea de favor ou

desfavor, que leva em consideração tão somente a pessoa ou o objeto em si. É, pois, um ato direto, espontâneo, anterior a qualquer avaliação ou julgamento.

Em confronto com o período anterior, 1957 é marcado pelo aparecimento de Consideração Positiva Incondicional – um constructo mais vigoroso, mais amplo, para expressar o que Rogers antes chamava de aceitação.

### III – Período posterior a 1957

Embora Rogers tenha proposto, em 1957, um constructo mais rigoroso, que emprestou de Stanley Standal, para substituir ideias vagas, anteriormente englobadas na aceitação, continua apresentando, em sua produção literária subsequente, tanto aceitação como Consideração Positiva Incondicional. Tanto é que, em 1958, Rogers resume as condições necessárias e suficientes para uma mudança construtiva de personalidade, referindo-se ao cliente, numa palavra: Aceito-inteiramente aceito. Está implícito, nesta expressão, o conceito de ser compreendido empaticamente e o de aceitação. Salienta, ainda, que é o fato de o cliente vivenciar esta condição que a faz produtiva, e não o fato dela existir no terapeuta.

Em 1959, Rogers refere-se às condições essências que o terapeuta e o professor devem reunir, para obter mudança construtiva de personalidade ou aprendizagem significativa. Abordando as condições, no contexto da terapia, usa o termo Consideração Positiva Incondicional, reportando sua origem a Standal e afirmando ter usado muitas vezes o termo aceitação para descrever o clima terapêutico desejável. No contexto da educação, usa a expressão aceitação ao retomar a condição descrita no contexto da terapia como Consideração Positiva Incondicional.

Em 1961a, Rogers disserta sobre as direções tomadas pelos clientes, após uma relação terapêutica bem-sucedida. À medida que o indivíduo se torna capaz de assumir sua própria vivência (em decorrência de sentir-se aceito, inteiramente, pelo terapeuta), caminha em direção à aceitação da vivência do outro. Aprecia e avalia, tanto a sua vivência, como a vivência dos outros por aquilo que elas são. Discute ainda sobre a segurança psicológica, condição para emergir a criatividade (Rogers, 1961b).

Tal segurança pode ser conseguida através de três processos associados:

- aceitação do indivíduo como alguém de valor incondicional.
- estabelecimento de um clima em que a apreciação exterior esteja ausente.
- compreensão empática.

Nesse mesmo ano, Rogers declara que tentará estabelecer, breve e informalmente, algumas das hipóteses essenciais sobre uma relação de ajuda que leva ao crescimento, hipóteses essas confirmadas, tanto na experiência, como na pesquisa. Rogers (1961c) afirma ainda que pode estabelecer essa hipótese em uma sentença:

Se eu posso propiciar certo tipo de relacionamento, a outra pessoa descobrirá, em si mesma, a capacidade para usar a relação para o crescimento, e mudança e desenvolvimento pessoais ocorrerão. (p. 33)

Ao descrever essa relação, disserta sobre a transparência, a aceitação e a compreensão empática.

Em 1961c, Rogers afirma que, em decorrência de sua experiência e de confirmação empírica, numa vasta gama de trabalhos especializados que envolvem relações com pessoas, seja como terapeuta, professor, conselheiro religioso, orientador, assistente social, psicólogo clínico, é a qualidade do encontro interpessoal que parece ser o elemento mais significativo na determinação da eficiência desse encontro. Essa qualidade do encontro é função de determinadas atitudes: congruência, empatia e consideração positiva. Discorre sobre as mesmas e, ao referir-se à terceira, nos termos em que o fizera em 1957, expõe duas dúvidas quanto ao aspecto incondicionalidade da consideração positiva. Acredita na sua possibilidade, mas afirma a dificuldade na vivência de um sentimento sem reservas e sem avaliações. Por outro lado, coloca a possibilidade de a condicionalidade da consideração positiva ser vantajosa, em alguns tipos de relacionamento, desde que alguns terapeutas, trabalhando com esquizofrênicos, obtiveram melhores resultados quando apresentaram condições e não aceitaram alguns dos comportamentos excêntricos dos psicóticos. Apesar de Rogers apresentar uma explicação para o fato (os psicóticos percebem, na atitude condicional, o terapeuta se importando com eles e na atitude incondicional,

descaso), reafirma que suas formulações iniciais podem ser modificadas e corrigidas por novas contribuições.

Propõe-se ainda a descrever um tipo de experiência que observou e da qual participou: a experiência de se tornar uma pessoa mais autônoma, mais espontânea e mais confiante, ou seja, a experiência da liberdade de ser o que se é. Ao falar sobre as qualidades que promovem a liberdade, em se tratando do terapeuta, coloca Consideração Positiva Incondicional como uma delas e, em se tratando do professor, aceitação (Rogers, 1963).

Em outros momentos da sua produção – 1969, 1977, ao reportar-se às atitudes que se destacam nos bem-sucedidos em facilitar a aprendizagem no contexto escolar, refere-se a uma delas, afirmando que, apesar de ter vivenciado e observado essa atitude, acha difícil saber que termos aplicar. Dada essa dificuldade, usará diversos termos para explicá-la: apreciação, aceitação ou confiança. Não usa o termo Consideração Positiva Incondicional.

A importância da aceitação, como Consideração Positiva Incondicional, é inquestionada, em todas as suas obras, e, num determinado momento, colocada como uma característica constante da terapia centrada no cliente. Rogers (1974) afirma:

Um quarto elemento para o qual desejaria chamar a atenção é um que não estava fortemente presente, no começo da terapia centrada no cliente, mas que veio a ser um traço muito proeminente. É o reconhecimento de que uma relação humana profunda é uma das mais cruciais necessidades de hoje. Talvez, em algum sentido, sempre tenha sido uma necessidade profunda, porém, nossa cultura atual, por muitas razões nas quais não me cabe aprofundar aqui, vivencia esta necessidade mais obviamente, mais intensamente do que antes. O ser humano tem uma profunda necessidade de ser inteiramente reconhecido e inteiramente aceito. A terapia centrada no cliente, ao lado de outros fatores da vida moderna, tem ajudado a reconhecer e satisfazer esta espécie de necessidade. (p. 10)

Nos seus artigos mais recentes, Rogers passa a referir-se à Consideração Positiva Incondicional não só como aceitação, mas também como estima e apreço. Assim é que,

em 1974, estabelece a sinonímia estima ou Consideração Positiva Incondicional e, em 1977 e 1978, aceitação, estima e apreço = Consideração Positiva Incondicional.

Revela ainda uma preocupação com o fato de Consideração Positiva Incondicional não ser vista como um dever, mas como algo que pode ocorrer no relacionamento e, em ocorrendo, aumentar a probabilidade de sucesso desse relacionamento. Eis o que Rogers postula em 1977:

Não é possível, naturalmente, sentir Consideração Positiva Incondicional todo o tempo. Portanto, isto não deve ser considerado um dever, isto é, que o terapeuta deva ter uma consideração positiva incondicional para com o cliente. Trata-se simplesmente do fato que a mudança construtiva do cliente é menos possível, se esse elemento não ocorrer com alguma frequência, no relacionamento. (p. 10)

A ideia é apresentada por Rogers em 1978, no “Encontro com Rogers e a Psicologia Humanística”, concretizado em dois dias de palestras e discussões, em São Paulo (capital):

*Gostaria de dizer que, por um processo reverso da medalha, as condições facilitadoras se transformaram em algo que deve acontecer. A descoberta real foi que: quando certos sentimentos estão presentes, mudança e crescimento ocorrem. Não adianta dizer: eu tenho consideração positiva incondicional com todo mundo. Quando, no meu relacionamento, sinto consideração positiva incondicional por determinada pessoa, então o crescimento é mais provável. Se meu sentimento real não for esse, é melhor que seja autêntico do que fingir uma consideração positiva incondicional que não estou sentindo.*

No período posterior a 1957, o constructo Consideração Positiva Incondicional é empregado, embora com enunciados diferentes, em vários contextos. Outros termos são empregados, como suas variações estilísticas, tais como aceitação, apreço e estima.

Nesta primeira fase da pesquisa bibliográfica empreendida, já é possível estabelecer uma configuração geral do constructo, quer no discurso da terapia, quer no discurso da educação, quer nos demais

contextos: Consideração Positiva Incondicional envolve as noções de aceitação, de estima, de apreço, de confiança básica no organismo humano, de disponibilidade para com o outro, de calor; é já possível afirmar que os mesmos atributos, contidos no artigo de 1957, são apresentados no transcrito da obra rogeriana posterior a tal data. Uma análise em maior nível de profundidade deverá ser efetivada (e o foi) na tentativa de comprovar-se ou não a hipótese formulada que, apesar de o autor ter utilizado diferentes enunciados para o constructo Consideração Positiva Incondicional, no decorrer de sua obra, a relação de significação permanece a mesma. Mas esta não foi objeto do texto ora apresentado.

## Conclusão

O fato de a teoria rogeriana estar expressa em linguagem natural, mais o estilo pessoal de Rogers, mais seu posicionamento fenomenológico frente ao mundo, pode se prestar a ambigüidades e sugerir o uso equívoco do termo Consideração Positiva Incondicional. Há que se fazer uma leitura atenta da obra de Rogers para ser constatada a coerência com que propõe seus constructos.

Talvez facilite, ainda, a compreensão do constructo Consideração Positiva Incondicional considerar-se que esta, na verdade, é apenas uma questão de distribuição de consideração positiva. Quando sou capaz de distribuir igualmente minha consideração positiva para todas as experiências da outra pessoa – para todos os seus sentimentos, seus comportamentos, suas expressões, sem condicionar tal distribuição, em função disto ou daquilo – então estou oferecendo Consideração Positiva Incondicional. A incondicionalidade se refere, pois, à distribuição uniforme da consideração positiva – é o “equilíbrio indiferente” de Peretti – todas as experiências do outro são igualmente dignas de consideração positiva, e quando valorizo mais um determinado aspecto do que outro, rompo o equilíbrio.

Consideração Positiva Incondicional – ou seja, a consideração positiva distribuída pelo indivíduo, em sua totalidade, enquanto constructo é absoluta, e também o é no relacionamento – não existe em maior ou menor grau; ou eu a apresento, no meu relacionamento, ou não. Nesse sentido, Consideração Positiva Incondicional pode ser

caracterizada como um ato – ou eu aceito o outro, como ele é, no momento, permitindo-lhe a expressão de quaisquer sentimentos, apreciando-o, em sua totalidade, sem estabelecer comparações, e estimando-o de forma não possessiva, ou não. No momento em que começo a avaliar seus comportamentos, sentimentos ou pensamentos, a estabelecer condições, a julgá-lo incapaz de dirigir-se por si mesmo, estou oferecendo consideração positiva condicional e não incondicional. O fato de Rogers emprestar de Dewey o termo apreço reforça esta ideia – o apreço deweyniano se apresenta em ato, não em processo.

É a possibilidade de a consideração positiva tornar-se incondicional, bem como o tênue ponto de ruptura que leva a Consideração Positiva Incondicional a tornar-se de novo condicional, muito bem exemplificado por Standal, que tem levado alguns autores a considerar que o constructo Consideração Positiva Incondicional é, de muitos modos, intangível. Foi esta característica de intangibilidade e de aparente ambiguidade que provocou o presente estudo.

Acreditamos que os resultados decorrentes da tentativa de elucidar um dos constructos-chave da teoria rogeriana podem não só subsidiar profissionais cujo trabalho envolve relações interpessoais, mas também mostrar o impacto que essa teoria poderia ter nos tempos atuais.

Outros caminhos poderiam ter sido propostos para nossa análise, outros resultados poderiam ter sido atingidos; o que nos tranquiliza é que “nossa segurança vem menos da convicção sobre a verdade inflexível que conhecemos, e mais do processo flexível pelo qual a verdade pode gradualmente ser aproximada” (Rogers, 1946, p.152).

### Referências

- De La Puente, M. (1970). *Carl Rogers. De La psychothérapie à l'enseignement*. Paris: Editeurs Epi.
- De La Puente, M. (1978). *Ensino centrado no estudante*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- Dewey, J. (1960). *Theory of the moral life*. New York: Rinehart and Winston, Inc.
- Frick, W. (1975). *Psicologia Humanista*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Gendlin, E. (1962). *Experiencing and creation of meaning*. New York: The Free Press of Glincoc.
- Gomes, W. B. (1986). Psicologia humanista, humanismo e humanizações. *Cardernos da USP*, 2, 62-74.
- Kock, S. (1959). *A Study of Science* (Vol. III). New York: Mc Graw-Hill.
- Pagès, M. (1976). *Orientação não diretiva em psicoterapia e psicologia social*. São Paulo: Edusp.
- Patterson, C. (1977). Insights about persons: psychological foundations of humanistic and affective education. In L. Berman & J. Roderick, *Feelings, valuing and the art of growing: insights into the affective*. Association for Supervision and Curriculum Development – ASCD. 1977 Yearbook. Washington, DC: ASCD.
- Peretti, A. (1974). *Pensées et verité de Carl Rogers*. Toulouse: Edouard Privat Editeur.
- Rogers, C. R. (1940). The process of therapy. *Journal of Consulting Psychology*, 4 (5), 161-164.
- Rogers, C. R. (1942). *Counseling and psychotherapy: newer concepts in practice*. Boston: Houghton Mifflin.
- Rogers, C. R. (1945). The nondirective method as a technique for social research. *American Journal of Sociology*, 50, 279-283.
- Rogers, C. R. (1946). A coordinated research in psychotherapy. A nonobjective introduction. *Journal of Consulting Psychology*. Washington, 13 (3), 149-153.
- Rogers, C. R. (1948). Round table: research in psychotherapy. *American Journal of Orthopsychiatry*, 48, 96-100.
- Rogers, C. R. (1951). *Client-centered therapy. Its current practice, implications and theory*. Boston: Houghton Mifflin.
- Rogers, C. R. (1957). The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. *Journal of Consulting Psychology*, 21, 95-103.
- Rogers, C. R. (1958). A process conceptions of psychotherapy. *American Psychologist*, 13 (4), 142-149.

- Rogers, C. R. (1959). A theory of therapy, personality and interpersonal relationships, as developed in the client-center. In S. Kock, *A study of science*. Vol. III (pp. 184-256). New York: McGraw-Hill.
- Rogers, C. R. (1959). Significant learning: in therapy and in education. *Educational leadership*, 16, 232- 242.
- Rogers, C. R. (1961a/1973). Ser o que realmente se é: os objetivos pessoais vistos por um terapeuta. In C. R. Rogers, *Tornar-se pessoa* (pp. 143-161). Lisboa: Moraes Editora.
- Rogers, C. R. (1961b/1973). Por uma teoria da criatividade) In C. R. Rogers, *Tornar-se pessoa* (pp. 143-161). Lisboa: Moraes Editora.
- Rogers, C. R. (1961c). Some hypotheses regarding the facilitation of personal growth. In C. R. Rogers, *On becoming a person*. (p. 31-38). London: Constable.
- Rogers, C. R. (1963). Learning to be free. In S. M. Farber, & R. H. Wilson, *Conflict and creativity: Control of the Mind* (pp. 53-71). New York: Mc Graw-Hill Book.
- Rogers, C. R. (1969). *Freedom to Learn: A View of What Education Might Become*. Ohio: Charles Merrill.
- Rogers, C. R., (1974). Remarks on the future of client-centered therapy. In D. Wexler, & L.Rice, *Inovations in client-centered therapy*. New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Rogers, C. R. (1977). *On personal power*. New York: Delacorte Press.
- Rogers, C. R. (1978). *The foundations of the person-centered approach*. Califórnia: Center for studies of the person.
- Rogers, C. R., & Rosenberg, R. L. (1977). *A pessoa como centro*. São Paulo: EDUSP.
- Standal, S. W. (1954). *The need for positive regard*. Tese de Doutorado. University of Chicago, Chicago.

Enviado em Abril de 2009  
Revisado em Julho de 2010  
Aceite final em Julho de 2010  
Publicado em Agosto de 2010